

Campus

CERRADO

A ameaça da agropecuária

Página 11

VESTIBULAR

UnB pensa no fim do vestibular

Não há como melhorar mais o processo de escolha daqueles que entrarão na Universidade. Os alunos do 2º grau apresentam um baixo índice de conhecimento e tudo o que eles sabem já é medido pelo vestibular. A solução, segundo proposta do presidente da COPEVE, professor Lauro Mohry, é a UnB acompanhar o rendimento do aluno desde a segunda série do 2º grau. Os melhores teriam, assim, ingresso automático. Ver página 4

MUTIRÃO

Íris rumo à Presidência

Páginas 8 e 9



SANTORO

Villa-Lobos, Mignone, Gnattali e Guarnieri.

Estes foram os maestros e músicos agraciados, até agora, com o Prêmio Shell para a Música Brasileira. A esta galeria se junta, em 1985, o maestro e professor da UnB Cláudio Santoro.

Prêmio faz justiça à carreira

Páginas 6 e 7



Campus sai sem fotos pela primeira vez

Pela primeira vez em 15 anos e após 80 números publicados, o **Campus** sai sem nenhuma foto. Este histórico evento se deve ao fato de que não foi atendida, até o fechamento desta edição, uma solicitação de compra de material foto-

gráfico feita pelo Departamento de Comunicação há mais de dois meses, no valor aproximado de Cr\$ 13 milhões.

O jornal não poderia, no entanto, publicar apenas textos, dificultando, as-

sim, a sua leitura por parte do público. Por este motivo, e em nome da linha de programação visual gráfica já desenvolvida, preservamos, nas páginas, os espaços que seriam preenchidos pelas fotos. Afinal, o **Campus** não poderia, também, deixar de honrar a sua sólida tradição de trabalho em foto-jornalismo.

Para maiores informações, leia as páginas 2 e 3.

MEIO

O dia em que a Folha correu atrás da gente

RUDOLFO LAGO

Na Edição passada, o **Campus**, publicou uma matéria onde denunciava as irregularidades da contratação do ministro Ibrahim Abi-Ackel como professor da UnB. A matéria era assinada por mim e pelo meu parceiro, Fabricio Marques. No sábado, logo após a edição sair, uma repórter da **Folha de S. Paulo** liga para o Fabricio e lhe pede os documentos da contratação, que havíamos usado como principal fonte da matéria.

Os documentos não estavam com a gente. Haviam ficado com o nosso editor, o professor Carlos Setti, para serem fac-similados e publicados na página. Estavam guardados na sua gaveta, na redação do **Campus**. Era um sábado. Nem que quisesse, a

repórter teria condições de conseguir uma outra cópia do documento da contratação de Abi-Ackel, pois a Reitoria não estava funcionando. Sem outra alternativa (?), a repórter resolveu usar como única fonte a matéria da página 2 do **Campus**.

Até aí tubo bem, se ela não resolvesse publicar o artigo como um esforço de reportagem seu. Ora, o Fabricio e eu passamos duas semanas correndo atrás de informações sobre a contratação e não conseguíamos com ninguém. A história de como este documento chegou às nossas mãos daria outra matéria. E no final, uma repórter de um conceituado jornal da grande imprensa copia a nossa matéria e publica como se fosse dela. E o **Campus** nem pode se gabar publicamente que a **Folha** ficou atrás da gente...

DIÁLOGO



DAF tenta convênio com a SHIS

PERLA ALVES MOTA

Adriano Vitalino da Rocha, funcionário do Departamento de Biologia Vegetal, pergunta ao Decano de Administração e Finanças:

Há possibilidade da Universidade de Brasília firmar um convênio com a SHIS, a exemplo de outras fundações, com a finalidade de atender seus funcionários?

O Professor Flávio Versiani, Decano de Administração e Finanças, responde:

Prezado Adriano, o DAF tomou nota de sua sugestão e promete que entrará em contato com a SHIS, numa tentativa de viabilizar o convênio. Assim que tivermos qualquer novidade, será informada ao **Campus**. (Perla Alvez).

ESPAÇO

Kafka, Ionesco e as fotos

A REDAÇÃO

Kafka e Ionesco teriam assunto para mais uma dezena de livros e peças de teatro se pudessem ter convivido, nas últimas semanas, com a Chefia do Departamento de Comunicação e com a equipe do **Campus**. O drama humano do desespero gerado diante dos labirintos da burocracia e a perplexidade diante de situações esdrúxulas e inexplicáveis, temas tão brilhantemente tratados pelos dois autores na literatura e no teatro, foi mais uma vez vivido por nós do **Campus** e do Departamento de Comunicação — e com muita intensidade.

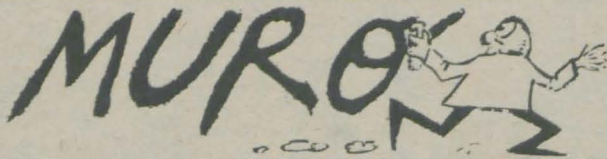
Não bastaram audiências, telefonemas, tabelas e ofícios, todos embalsamados na mais primária argumentação da urgência e da necessidade prioritária, para que a Administração da UnB providenciasse, em tempo, a aquisição de filmes fotográficos para, entre outras coisas, o Departamento editar o **Campus** como se deve: com fotos. Tudo isto não teria uma contundente dose de absurdo se a quantia envolvida não fosse de Cr\$ 13.000.000, necessários para a aquisição de filmes, química e papel de revelação.

Mais que um protesto

diante de tal situação, os espaços em branco publicados nesta edição espelham uma simplória verdade: não temos material fotográfico. Já não o tínhamos, é verdade, na edição anterior. Nela, todas as fotografias publicadas foram tiradas com filmes custeados pelo bolso da professora de Fotografia, Luiza Venturelli, dos alunos do **Campus** e dos responsáveis pela Estação Sismológica da UnB. Isto porque achávamos, na época, que até a presente edição a questão estaria superada. Ledo engano, como se viu.

O mais grave é que tudo isto denuncia um problema mais profundo, cuja solução exige medidas urgentes e eficazes, que é o do excesso de burocracia e de centralização das decisões administrativas dentro da UnB. Apesar da boa vontade e da compreensão manifestadas pelos mais altos funcionários da Administração, o fato concreto é que o pedido do Departamento — em cuja justeza acreditamos — não foi atendido até o presente momento. Perdeu-se nos diversos redemoinhos das normas, licitações, pareceres, prazos, desinformações e indecisões.

Neste caso, a vida foi além da arte. Para júbilo dos aficionados de Kafka e Ionesco.



Serenatal

Jovem, você que completa dezoito anos este ano, ou os completou nos últimos 70 anos, apresente-se entre os dias 14 e 18 de outubro, à sala BI-15 ou Anf. 13, de 12 às 13 horas. Não apresente qualquer certificado, nem olhe a data no verso. Observe bem os cartazes e aplaudidos por todo o minhocão. E que este ano, como todo ano, tem Serenata de Natal. Aliste-se. (Lena)

Piada sem graça

É interessante observar a falta de senso crítico de determinados órgãos que zelam pelo bem-estar da comunidade, como por exemplo o DETRAN. Outro dia, o ônibus em que eu estava fez um desvio forçado, provocando uma grande confusão, porque o DETRAN estava remarcando a pista do viaduto de acesso à L-2 Norte. E isto em plena cinco horas da tarde. Parece piada. (Sandra Sato)



Agradecimento

Senhor Editor,

Em nome de toda a equipe que faz funcionar a Estação Sismológica da UnB, gostaria de transmitir a V. Sa. nossa satisfação pela correta reportagem a nosso respeito, estampada na edição nº 80, de 30/09 a 04/10, do **Jornal Campus**.

Queira, por obséquio, estender nossos cumprimentos às repórteres Joyce Russi, Claute-nis Delene e Marta Audiadi e também ao fotógrafo Luis Queiroz.

Atenciosamente
Nºprof. José Alberto V. Veloso
Resp. p/Estação Sismológica
Depto. de Geociências — UnB

Correção

Prezado Prof. Carlos Augusto Setti,
Gostaria de corrigir uma notícia publicada pelo **Campus** em seu nº 80 à página 4. Muito nos honraria ser os promotores dos eventos da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, a qual promove uma Reunião Anual muito importante para a Psicologia no Brasil. Em nome da ética e do respeito aos organizadores da Reunião devo esclarecer que nem o Departamento de Psicologia da UnB, nem tampouco o CA da Psicologia têm qualquer papel direto na organização deste evento. O fato de professores e alunos do Departamento de Psicologia participar rem da Reunião não os qualifica como promotores da mesma. Atenciosamente.

Maria Ângela G. Feltosa
Chefe do Departamento de Psicologia

Campus

Jornal — laboratório do Departamento de Comunicação da UnB

Editor Geral: Prof. Carlos Augusto Setti

Editoria de Arte: Profa. Maria Rita Leal e Marcelo Gonçalves

Secretário de Redação: Hélio Doyle

Editoria de Fotografia: Profª Luiza Venturelli

Editores: Marina Godoi, Milton Cintra, Flávio Silveira, Otávio Veríssimo (UnB) Luiz Carlos Queiroz, Nicolau Elmoor, Ana Teresa Vieira (Comunidade); Ana Paula Ararape, Cláudio Brandt, Glória Carvalho (Nacional); Suzanne Sobral, Idhelene Macedo, Cláudio Ferreira, Cynthia Rosa (Cultura); Maria de Lourdes Tavares, Joyce Russi, Carlos André, Zeila de Freitas, Rosani Aparecida (Ciência); Cláudio Ferreira e Idhelene Macedo (Opinião).

Repórteres: Marcelo Feijó, Margaret Marmori, Margaret Vitória, Sandra Sato, Perla Alves, Reinaldo Freitas, Regina Celi (UnB); Maria Cacilda Benevides, Denise Sá, Fábio Guimarães (Comunidade); Sandra Machado, Adélia Fernandes, João Paganini, Júnia Cláudia, Marluce Paulista (Nacional); Heloisa Helena, Hélio Franco, Francisco Henrique (Cultura); Clautenis Lemos, Shirlene Costa, Martha Faria (Ciência).

Fotografia: Rubens Rebouças, Luiz Carlos Queiroz, Marcelo Feijó, Cecília Maria, Ana Paula Padrão, Susana Dobal, Cynthia Rosa, Nicolau Elmoor, Cláudio Reis, Reinaldo Freitas.

Laborarista: Jeová Xangó
Ilustrações: Flávio Silveira, Francisco Henrique, Humberto Junqueira, Adriano Valle, Pedro Henrique.

Compromisso com Campus tropeça na centralização

FLAVIO SILVEIRA

A explicação para o inédito episódio vivido pelos alunos do Departamento de Comunicação que vêem, pela primeira vez em toda a história de seu jornal-laboratório, uma edição totalmente despida de fotos, não se encontra no mesmo endereço que, até bem pouco tempo atrás, abrigava as respostas para todos os males da UnB: Reitoria, 4º andar — Gabinete do Reitor.

O primeiro contato do **Campus** com a nova administração da Universidade aconteceu alguns dias após a posse do professor Cristóvam Buarque. Num encontro mantido com o chefe em exercício do Departamento de Comunicação, Carlos Augusto Setti, foram discutidos novos rumos para o jornal-laboratório, com a demonstração, pelo novo Reitor, de que chegava ao fim o obscuro ciclo vivido pelo Departamento de Comunicação durante a gestão do capitão-de-mar-terra José Carlos Azevedo.

Levantados os problemas do Departamento e a atuação do **Campus**, foi possível um acordo através do qual ficou patente a disposição do reitor Cristóvam em alterar esse quadro. Deste contato saiu um projeto para reestruturação do jornal, que passaria a contar com mais diagramadores e recursos, na tentativa de reduzir sua periodicidade para semanal (atualmente o **Campus** circula de 15 em 15 dias) e a edição de um segundo caderno (científico-cultural).

Do encontro com o professor Cristóvam resultou um pedido de compra (09 de agosto) no qual o Departamento de Comunicação solicitava a aquisição de material fotográfico com um acréscimo de cerca de 30% para suporte da nova periodicidade.

Segundo o chefe em exercício do Departamento de Comunicação, o acréscimo de 30% no pedido original — elevando de Cr\$ 9 milhões para Cr\$ 13 milhões — para os filmes e material fotográfico (papel, química, etc) só foi alterado em decorrência do encontro mantido com o reitor. O saldo disponível no orçamento do Departamento de Comunicação não comportaria o novo pedido e o professor Setti sabia disso, como também julgava que haveria uma suplementação de verba ou realocação de recursos que viesse em seu auxílio.

Ao contrário disso, o que houve foi a manifestação do Serviço de Material alertando que o Departamento de Comunicação não dispunha de verba suficiente para o seu pedido.

Diante do impasse, o chefe do Departamento de Comunicação marcou uma audiência com o Decano Flávio Versiani, que resultou na elaboração de um novo pedido, através de ofício, estabelecendo as prioridades do Departamento, nas quais encontrava-se o material fotográfico para o **Campus**.

Este ofício foi feito exatamente 30 dias depois (10 de setembro) do pedido original, um documento totalmente metodizado, com quadros demonstrativos contendo como prioridade 01, para necessidade imediata, o material fotográfico, laudas (os alunos já não dispunham nem de papel para escrever), lâmpadas e serviços de reparos nos estúdios. Continha ainda, a ressalva de que a demora no atendimento acarretaria sérios prejuízos aos cursos de Fotografia, Cinema, Televisão e, também, ao jornal **Campus**, que na sua última edição já circulava com fotos de arquivo e com material cedido pela Estação Simulológica da UnB em sua reportagem sobre o terremoto no México.

Como o ofício do dia 10 de setembro não foi atendido de forma imediata, expirou o prazo de licitação em curso para aquisição de material, devendo recomençar o processo, às vezes muito moroso (ver reportagem a seguir).

No dia 10 de outubro, trinta dias após o segundo ofício e 60 dias após o primeiro, a situação era a mesma. Não havia licitação, não havia material fotográfico e o **Campus** estava prestes a fechar sua edição... sem fotos.

CENTRALIZAÇÃO

Para o chefe do Gabinete da Reitoria, Ivônio de Barros Nunes, o caso do Departamento de Comunicação não deve ser analisado isoladamente. Essa é também a opinião do decano de Administração e Finanças, professor Flávio Versiani. Ambos admitem que outros Departamentos experimentam situação semelhante e que toda Universidade resente-se do centralismo e da burocratização herdada da administração passada. Ivônio vai além. Segundo ele, a tendência centralizada da administração na UnB nasce

com a própria Universidade, ainda com Darcy Ribeiro, que segundo o chefe do Gabinete, deliberava sobre questões como material de expediente.

Com o suceder das administrações, continua ele, este centralismo foi sofisticando-se e fortalecendo-se, principalmente nas gestões autoritárias. Dessa forma, Ivônio Nunes esclarece que o problema vivido hoje pelo **Campus** decorre da estrutura sedimentada ao longo dos anos, inclusive ressaltando que o próprio funcionalismo se "acomodou a esse estilo administrativo", muitas vezes resistindo a qualquer iniciativa que aponte para uma renovação.

O professor Flávio Versiani, decano de Administração e Finanças concorda com essa opinião. E também admite, como Ivônio, que só existem duas alternativas para solucionar o proble-

ma: a primeira é o rompimento radical com a estrutura vigente, que provocaria um verdadeiro caos e o quase fechamento da Universidade; e, a segunda, conviveria com a estrutura, combatendo seus focos de problemas, na busca de mudanças lentas que possuir garantindo avanços qualitativos.

No caso específico do Departamento de Comunicação, Versiani, como Ivônio, apontam para a mesma solução. Segundo eles, a alternativa seria o Departamento utilizar sua verba disponível para a aquisição do material — hoje o saldo da Comunicação atinge Cr\$ 3 milhões —, hipótese descartada pelo professor Setti que alega estar reservando esse dinheiro para as despesas de material de expediente e limpeza, indispensáveis para o funcionamento do Departamento até o final do semestre. Ou ainda, a utilização de um

recurso oferecido aos departamentos, chamado Suprimento de Fundo.

O Suprimento de Fundo é uma verba especial cedida mediante aprovação do DAF, estabelecidos certos limites, que é repassada mediante a emissão de um cheque nominal ao secretário do Departamento para circunstâncias emergenciais.

O professor Setti justifica não utilização do Suprimento de Fundo pelo fato de que ficaria sob a responsabilidade da secretaria a compra do material, da qual adviriam gastos com transporte, além da execução de um serviço (tomada de preços, escolha de material, etc) que é de pertença administrativa da instituição. Também o prazo para liberação dessa verba — 10 a 15 dias — não alcançaria o fechamento da edição do jornal, além de implicar no desconforto de ter o dinheiro em conta-corrente, acarretando à Secretaria todos os transtornos operacionais de movimentação. Além disso, o Departamento não está autorizado a adquirir material estrangeiro, como é o caso do material fotográfico.

Para o decano Flávio Versiani, esta recusa é um problema administrativo do chefe do Departamento, que deveria começar a promover a descentralização em sua própria casa.

Setti rebate lembrando que, mesmo na gestão Azevedo, esse problema jamais ocorreu e que a verba desse suprimento acabaria saindo de sua reserva de recursos para o material de expediente do Departamento, como explicou em seu último ofício.

Diante da falta de perspectiva de solução, o professor Setti levou o problema ao conhecimento de seus alunos integrantes do corpo de redação do **Campus**, que votaram pela circulação do jornal sem fotos, como forma de pressionar uma solução mais rápida.

Segundo informações obtidas pela Secretaria do Departamento de Comunicação junto ao Serviço de Material, ainda nem foram distribuídas as cartas-convite para abertura de licitação, mesmo tendo sido o problema levado ao conhecimento do próprio reitor.

A propósito do reitor, ele aguarda, desde sua posse, a aquisição de uma máquina de escrever para seu Gabinete, solicitada pessoalmente, e que, como o material fotográfico para o **Campus**, ainda não tem qualquer perspectiva de prazo para entrega.

A rota da burocracia

A

partir do momento que a Secretaria de um Departamento constata a necessidade de aquisição de material, seja pelo término de seu estoque ou pela proximidade de seu fim, inicia-se um verdadeiro ritual burocrático. Obedecidos todos os prazos, e não surgindo nenhum imprevisto, o atendimento dessa necessidade pode atingir, e até mesmo superar, o incrível prazo de 45 dias.

FOI DADA A LARGADA

O passo inicial para a cerimônia acontece com o preenchimento, pelo Departamento, do Pedido de Compra, um formulário próprio existente em todas as Secretarias e que é protocolado e encaminhado ao Serviço de Material. Ao receber o Pedido, o Serviço de Material acusa o recebimento e prossegue com o curso da requisição, despachando o documento para o Almoxarifado, que se encarrega da classificação do material solicitado. Neste exato ponto, o destino e o prazo da operação podem receber novos limites. Se o material solicitado existir em disponibilidade, o Pedido é encaminhado de volta ao Departamento que o transformará num "Pedido de Fornecimento", concluindo o ciclo na mesma semana de seu requerimento (três a cinco dias).

Entretanto, se o Pedido de Material solicitado pelo Departamento for classificado como sendo material permanente, ou de expediente, sem estoque no Almoxarifado, o ritual pode prolongar-se por mais algumas etapas. A primeira delas é a solicitação, via ofício, ao DAF (Decanato de Administração e Finanças) que autorize a compra do material. A partir do "de acordo", geralmente recebido um ou dois dias depois, o Serviço de Material está autorizado a distribuir as cartas-convite, primeiro passo para a Licitação Pública que caracteriza as compras efetuadas pela Universidade. As empresas interessadas na concorrência têm um prazo de até 15 dias para apresentação das propostas recebidas ao Departamento solicitante, para estudo e indicação da melhor. Uma vez decidida a peleja, procede-se à compra do material solicitado no primeiro parágrafo.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

A empresa vencedora da licitação tem até 30 dias para entrega.

*Alunos
prestando
vestibular:
uma cena
que pode
não se
repetir
mais. No
seu lugar,
a UnB iria
buscar o
aluno no
2º grau*

COPEVE coloca o vestibular em cheque

MARINA GODOI

"O Vestibular em termos de avaliação já chegou no seu limite. Não há como sofisticar e melhorar o processo de escolha dos alunos que entram na Universidade. A massa estudantil atualmente vem da mediocridade e se cobramos algo mais difícil, de diferente, ninguém responderá às questões. E é neste sentido, que a COPEVE pretende decretar o fim do vestibular tradicional da UnB, lançando uma nova forma do aluno ingressar na Universidade". Esta é a proposta básica que o novo presidente da COPEVE, professor Lauro Mohry, apresentará no seminário sobre os 15 anos da COPEVE, a ser realizado na primeira semana de dezembro próximo.

A idéia de acabar com o vestibular tradicional da UnB partiu da comissão dos oito professores que atualmente formam a COPEVE. Para esses professores, os alunos que disputam uma vaga na Universidade possuem um nível de aprendizado muito abaixo e alguns não sabem escrever e nem fazer as contas básicas, em decorrência da deficiência do ensino do segundo grau. O segundo grau precisa ser mudado, segundo o professor Lauro, e essa idéia de acabar com o vestibular é uma forma revolucionária, diferente, que pretende melhorar o ensino do segundo grau e incentivar o aluno a se preparar melhor para entrar no terceiro grau.

A nova avaliação proposta pela COPEVE irá modificar todo o esquema tradicional do vestibular. O aluno começará a ser avaliado desde o segundo ano do segundo grau, com provas de 4 em 4 meses, aplicadas pela própria COPEVE. E aqueles alunos que melhor rendimento apresentarem no final do terceiro ano, terão sua vaga garantida na UnB, com um acompanhamento especial no 3º grau. Para o professor Lauro, essa nova avaliação é trabalhosa, mas é a melhor maneira de incentivar o aluno a estudar no segundo grau e chegar ao 3º grau com uma base melhor.

A COPEVE tem um estudo feito sobre essa nova proposta de avaliação. Desde a sua aplicação a nível experimental à forma definitiva. Só depende de apoio político do Ministério da Educa-

ção, da aprovação do reitor e da comunidade. Segundo o presidente da COPEVE, em termos operacionais, pouca coisa será mudada e não se gastará muito mais do que se gasta em cada vestibular normal — cerca de 300 a 400 milhões de cruzeiros.

AValiação TRADICIONAL

Atualmente, um estudante para entrar na UnB, através do vestibular, deve fazer um quinto do que lhe é oferecido, 24 pontos. "Vinte quatro pontos", diz o professor Lauro, "é o mínimo necessário para serem preenchidas todas as vagas da Universidade e se o aluno não consegue acertar 24 questões de 120, é porque não está preparado para entrar".

O vestibular é usado para verificar quais são os melhores alunos em função das provas aplicadas. E a COPEVE cobra do aluno questões que envolvam conhecimentos imediatos, em que o acerto ao acaso é praticamente nulo: um em mil e vinte e quatro questões. Os alunos inscritos para fazer vestibular devem ter no mínimo conhecimentos básicos, que lhe serão cobrados mais tarde. E muitos não têm esses conhecimentos, devido à precariedade do ensino de segundo grau no Brasil, que para a Comissão da COPEVE, é resultado do atual estágio de subdesenvolvimento nacional.

COPEVE: 15 ANOS

A COPEVE foi criada há quinze anos atrás com o objetivo de moralizar o vestibular e de se ter na universidade um órgão permanente encarregado especificamente do vestibular. Antes da criação da COPEVE, o vestibular, na Universidade de Brasília, era feito de forma amadorística, segundo o professor Lauro. O reitor nomeava uma comissão de professores e estes eram encarregados de elaborar, aplicar e corrigir as provas. Ao término do vestibular, esta comissão era desfeita.

Hoje a COPEVE é um órgão importante dentro da UnB, encarregada especificamente do vestibular. E composta por uma comissão de oito professores nomeados pelo reitor, mais sete funcionários na sua parte interna e sua estrutura externa é com-

posta por mais de mil pessoas. Seus recursos financeiros são dados pela administração central e o mais, vêm das taxas de inscrições. Já passaram pela COPEVE 98.883 alunos, e 24.333 conseguiram uma vaga na UnB.

SIGILO: A SEGURANÇA DO ALUNO

Em toda a história do vestibular na UnB, só uma vez o sigilo das provas foi quebrado. Isto aconteceu em 1969, quando em uma comissão nomeada pelo reitor, um dos professores tinha um certo vínculo com o ensino do segundo grau e surgiu uma denúncia de que as questões da prova de Geografia haviam sido dadas no cursinho. Nada ficou provado, pois o professor alegou coincidência. Mas a prova foi anulada e novas questões foram elaboradas. Daí veio a necessidade de um maior controle e sigilo quanto às provas do vestibular.

O sigilo mantém a seriedade do concurso e é fundamental para a segurança do aluno que estudou e se preparou para fazer as provas. As provas são elaboradas pelo corpo docente da UnB. Todos os professores, a princípio, podem elaborar questões para o vestibular. As questões são revisadas por mais de dois professores, que não sabem quem as fez e quando serão aplicadas. Tudo feito com muito rigor, precisão, dando garantia ao aluno que não estará sendo lesado.

NOVA COPEVE

O novo presidente da COPEVE, Lauro Mohry, professor do Departamento de Biologia Celular, há dez anos responsável pela parte de pesquisa do vestibular, pretende fazer algumas modificações. Algumas já estão sendo realizadas. Segundo ele, desde que assumiu a presidência, em abril último, a COPEVE está tentando uma aproximação maior com a comunidade, com o ensino do segundo grau e com os cursinhos. Ele espera ter a colaboração de toda a UnB, lançando o slogan "Vestibular é um problema de todos nós". E no seminário dos 15 anos da COPEVE, apresentará uma retrospectiva de todos os trabalhos realizados nesses quinze de sua existência.

Eleição do vice não atrai alunos

MARGARETH MARMORI

TOCAR A ROTINA

A participação dos estudantes, decisiva na escolha do Reitor, foi pouco significativa na eleição que indicou o professor João Cláudio Todorov, do Departamento de Psicologia, para o cargo de Vice-Reitor. Enquanto 71% dos professores e 73% dos funcionários votaram para Vice-Reitor, apenas 17% dos alunos participaram desta eleição. A falta de divulgação da eleição pelos meios de comunicação e a desmobilização estudantil foram, segundo Todorov, os principais motivos da pequena participação dos alunos.

Os estudantes, através dos Centros Acadêmicos, poderiam ter promovido discussões com os candidatos, defende Todorov. As discussões seriam importantes para esclarecer que, como candidato à Vice-Reitoria, ele não tem nenhum programa a apresentar além daquele já aprovado pela comunidade com a eleição do Reitor. "Participarei da administração para ajudar no desenvolvimento desse programa e não como oposição ao Reitor. Há pessoas aproveitando este espaço (a eleição) para começar uma oposição à administração de Cristovam Buarque porque se opõem a todo projeto de renovação", afirma Todorov.

Quanto às suas atribuições como Vice-Reitor, ele diz que elas dependerão do que o Reitor lhe delegar, mas espera "tocar a rotina da administração para liberar mais o Reitor para a área política da Universidade". Todorov pretende colaborar para que a Universidade volte a ter um clima de integração e convivência semelhante ao existente em 1964, quando foi aluno do Mestrado em Psicologia da UnB.

Todorov, ex-presidente da ADUnB no período de 78 a 80, participou das duas eleições para Reitor da UnB. Na eleição deste ano ficou em segundo lugar na contagem geral de votos. "No ano passado fiz uma campanha sem perspectiva de vir a assumir", explica. "Este ano surgiu como candidato natural à Reitoria, já que havia participado da eleição anterior. Esperava alcançar o quarto ou quinto lugar e só durante os dias da votação percebi a possibilidade de ser o segundo mais votado".

Perguntado sobre a possibilidade de voltar a candidatar-se a Reitor daqui a quatro anos, Todorov diz que até lá muita coisa pode acontecer e atualmente esta idéia não passa pela sua cabeça.

Enfermagem ganha mais professores

MARGARETE VITORIA

A Enfermagem é um dos cursos da UnB que possui o menor número de professores. Desde 81, o curso tem funcionado com apenas 10 professores, estando dois em licença. Neste semestre, o quadro foi ampliado com sete enfermeiros da Fundação Hospitalar, contratados por serviços prestados, e que estão lecionando sem nenhuma formação pedagógica. A UnB requisitou três deles ao Secretário de Saúde por um período de dois anos, e os outros quatro prestarão serviços até o final deste ano, quando não terão mais vínculo com a Universidade.

Segundo a professora Maria José dos Santos Rossi, coordenadora do curso de Enfermagem, a contratação de professores vem acontecendo somente através da prestação de serviços, acarretan-

do a falta de interesse do professor em se aprofundar nas matérias, já que após seis meses ele se desliga da Universidade. Apenas os professores requisitados por dois anos podem estabelecer algum compromisso com o curso. Para Maria José, isto acontece porque, em gestões anteriores, a UnB e a Faculdade de Ciências da Saúde sempre deram à Enfermagem um tratamento de curso de segunda opção. Vista como transição para outras áreas, seus problemas são relegados a segundo plano. Esta visão é reforçada por alguns alunos que fazem do curso uma ponte para a carreira médica.

Para melhorar a situação é necessária, o mais rápido possível, a criação do Departamento de Enfermagem e a implantação de concurso que possibilite a contratação definitiva de professores.

Wladimir expõe obra no Uruguai

Vladimir Carvalho é, em cinco anos o terceiro cineasta brasileiro a visitar o Uruguai para apresentar e discutir seu trabalho. Uma retrospectiva de todos os filmes do professor-cineasta da Comunicação (diretor dos filmes *O Homem de Areia*, *O Evangelho Segundo Teotônio* e *O País de São Saruê*, entre outros) foi promovida pela Cinemateca Uruguaya no mês de setembro.

Dirigida por Manuel Martinez Carril, a Cinemateca Uruguaya detém 20 por cento do mercado cinematográfico do Uruguai e possui seis salas de cinema na capital. Através de mostras cinematográficas, de boletim informativo mensal e da revista ilustrada *Cinemateca*, procura pro-

mover os cinemas latino-americanos e do Terceiro Mundo. Além disso, oferece cursos sobre cinema para adolescentes e espectadores em geral e publica livros, ensaios, biografias e estudos acerca das diversas cinematografias do Terceiro Mundo. O interesse pela realização mostra de Vladimir surgiu através da exibição de *O País de São Saruê* em Gramado. Este filme está em cartaz em Montevideo e pertence agora ao acervo da Cinemateca.

Vladimir diz que os uruguaios tiveram "um interesse muito especial com relação aos filmes, notadamente no que se refere aos aspectos culturais e sociais dos documentários realizados no Nordeste, que é o forte da minha filmografia".

TÓXICO

“A publicidade que é feita atualmente sobre as drogas e seus consumidores, como uma política de combate e controle, parece despertar a curiosidade de novos adeptos, uma vez que o jovem tem uma forte curiosidade para o que é proibido.”

JOSE CARLOS, ex-viciado

”

Um movimento em busca de reintegração social

ROSANI APARECIDA
ANA VIEIRA

Brasília é o quarto centro consumidor de drogas do Brasil. Diante desta triste e assustadora constatação, surgiu o Desafio Jovem, um movimento que desenvolve um trabalho de recuperação de toxicômanos no Distrito Federal.

Devido à posição central de Brasília com relação aos países vizinhos da América Latina, a cidade é rota obrigatória do tráfico de drogas que abastece o eixo Rio-São Paulo e sul do País. Esta facilidade de oferta no mercado, segundo José Carlos, ex-drogado participante do Desafio Jovem, favorece a juventude de Brasília a consumir drogas indiscriminadamente.

As drogas mais consumidas pela juventude brasiliense são a maconha e as “bolinhas” — drogas farmacêuticas dissolvidas em água destilada e que depois de imprensadas são ingeridas.

Quando se fala em tóxicos, costuma-se falar sobre os efeitos malefícios das drogas, do tráfico tanto interno quanto externo, mas um aspecto importante muitas vezes é esquecido ou mal compreendido — o da recuperação do toxicômano.

“A publicidade que é feita atualmente sobre as drogas e seus consumidores, como uma política de combate e controle, parece despertar a curiosidade de novos adeptos, uma vez que o jovem tem uma forte curiosidade para o que é proibido”, denuncia José Carlos: “Quanto aos mecanismos de controle dos viciados, existe muito mais repressão do que orientação, e justamente para mudar um pouco este quadro é que foi fundado o Desafio Jovem de Brasília, que busca recuperar, orientar os jovens viciados, adotando métodos idênticos aos do Desafio Jovem Americano, isto é, terapia ocupacional seguida de espiritual”.

O Desafio Jovem americano foi criado na década de 60 pelo Pastor Davi Wilkerson e consiste na recuperação de viciados através de atividades em tempo integral na zona rural e orientação religiosa.

A história do movimento em Brasília não é muito diferente. Ela teve início quando o Professor de Antropologia, Galdino Moreira Filho, preocupado com o problema de uso de drogas que vinha notando em alguns de seus alunos, tomou conhecimento do movimento realizado nos Estados Unidos por Davi Wilkerson e, aproveitando sua estada em Brasília para palestras sobre o assunto, foi incentivado a começar um trabalho semelhante ao americano, recebendo inclusive orientações e material enviado por eles.

O Desafio Jovem de Brasília comemorou, no mês de setembro, 13 anos de atividades. Essas atividades consistem, segundo Carlos Alberto, outro ex-viciado que presta serviços no DJB, “na recuperação em dois estágios: o primeiro com duração de três meses é denominado libertação, eles estudam, trabalham com animais, horta, lavoura e têm orientação religiosa; nesta fase as visitas de familiares são

proibidas. O segundo estágio dura cerca de nove meses, e é voltado para a ressocialização do toxicômano, há marcenaria, mecânica, computadores, uma profissionalização, ele já pode sair, visitar parentes e amigos, com um maior contato com a cidade”.

Não existe em Brasília outra entidade com as mesmas características nem os mesmos fins. De acordo com José Carlos, os jovens em fase de recuperação na entidade geralmente não recebem apoio de suas famílias nem mesmo no setor financeiro. “Muitas famílias colocam aqui seus filhos, seus irmãos, e rapidamente se esquecem deles”, acrescentou, “Não existe apoio por parte do Governo, ficando a entidade na dependência das doações, o que dificulta bastante os seus trabalhos”. Segundo Carlos Alberto, “a instituição se sustenta na sua maioria pela plantação de horta comercial de tomates, trabalhos com trator, desenvolvimento de programas para empresas de Brasília, como a CODECON, sem qualquer vínculo com outra instituição, nem particular nem federal. O nosso desejo maior é sermos independentes”.

Desafio Jovem: a busca do retorno do viciado a uma vida normal

Esporte Comunitário no DF: o maior apoio vem do CEUB

DENISE SA
ROSANI APARECIDA FRUTUOSO
ANA TERESA VIEIRA

Levar o esporte à população de baixa renda é um dos principais objetivos do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo CEUB, através do seu núcleo de educação física. O que não acontece com a UnB e a Dom Bosco, que são faculdades que têm um curso específico de educação física e não estão abertas à comunidade.

O que o CEUB vem fazendo há dois anos é abrir suas turmas para a comunidade. Atualmente, são oferecidos os cursos de Karatê, capoeira, ginástica feminina, condicionamento físico, xadrez, volei, handebol e dança moderna. Essas modalidades, atingem desde crianças de 7 anos até pessoas idosas. Segundo o Diretor Esportivo do CEUB, Victor Orouzo Boccucci, havia uma favela atrás da faculdade, e as pessoas estavam danificando as instalações do CEUB, quebrando vidros, roubando material. “Para sanar esse problema resolvi introduzir uma atividade que chamasse a atenção dos moradores”, Boccucci acrescentou ainda, que após implantar esse sistema, as hostilidades cessaram, e hoje, eles ajudam a zelar pelo patrimônio do CEUB.

Para participar das atividades, é necessário que cada aluno entregue o exame médico e uma foto 3X4. Os cursos são gratuitos, mas se houver 3 faltas consecutivas, o aluno é afastado. Para Boccucci, esse sistema ajuda a evitar o esvaziamento das turmas. E para não causar o desinteresse, todo mês há uma atividade de impacto para a comunidade. “Em agosto, realizamos um passeio ciclistico; em setembro foi a festa da primavera, agora em outubro, faremos o Festival da

Criança, em novembro, a caminhada da saúde, o torneio de Karatê e a roda de capoeira”.

Ao contrário do CEUB, o Departamento de Educação Física da UnB não promove eventos abertos à comunidade externa.

A associação Atlética Acadêmica, na verdade, promove apenas torneios internos, onde a participação está aberta somente à comunidade da UnB e de outras universidades como o 12º Jogos Universitários do DF. No que diz respeito à utilização das dependências do Centro Desportivo, os usuários são dependentes diretos de professores, funcionários e alunos da universidade.

Segundo o Prof. Mário Cantarino, do Departamento de Educação Física o “C.O. não se nega a cessão de instalações a quem quiser promover qualquer evento desportivo” e acrescenta: “devido a problemas como o alto custo, como gratificação de funcionário, luz, água e outros é que a Associação não está aberta ao público externo”.

Atualmente vem sendo estudado por uma Comissão, a pedido do Reitor, meios de estimular a participação das comunidades interna e externa através de convênio com o SED/MEC, o resultado deste estudo e suas propostas devem ser encaminhados em breve à Reitoria.

A Dom Bosco, outra faculdade que possui curso específico de Educação Física, também não promove eventos esportivos abertos. O que ocorre, segundo o Prof. Walter Machado da Costa, é o excesso de alunos; o colégio funciona com 1.500 alunos de manhã e à tarde. Há cursos internos para os próprios alunos mas na sua maioria de extensão. Não há nem a mais remota possibilidade da Dom Bosco abrir suas portas à comunidade externa” concluiu Walter da Costa.

A charge exemplifica bem a situação do esporte comunitário em Brasília

CLÁUDIO



SANTORO

O MAESTRO CLAUDIO SANTORO, um dos fundadores da UnB, recebeu o Prêmio Shell para a Música Brasileira-1985. A premiação é feita há cinco anos e os premiados anteriormente foram Villa-Lobos (in memoriam) Francisco Mignone, Radamés Gnattali e Camargo Guarnieri. Regente da Orquestra do Teatro Nacional e professor do Departamento de Música, Santoro é conhecido internacionalmente. Sua obra inclui 11 sinfonias, sete quartetos, balés, oratórias, cantatas, entre outros trabalhos. Neste depoimento aos repórteres Heloísa Helena e Cláudio Ferreira, o maestro Santoro fala do prêmio e dá sua opinião sobre assuntos como cultura, divulgação da música erudita, Ordem dos Músicos, e principalmente, fala sobre a Universidade de Brasília.

"... eu me senti muito feliz em receber o prêmio, principalmente porque tinha uma somazinha em dinheiro..."

Maior divulgação, da música erudita o grande problema

Como parte
do prêmio,
a Shell
promoveu
um
concerto na
Sala Villa
Lobos

Campus: Nós sabemos que é óbvio, mas vamos começar com esta pergunta.

Como o senhor se sentiu recebendo este prêmio?

Santoro: Eu gostaria que vocês fizessem uma pergunta diferente, porque todo mundo pergunta sobre esse prêmio. Se fosse o primeiro prêmio de composição, haveria uma euforia imensa, que acontece quando a gente realiza uma coisa nova. Mas depois de tantos prêmios, mesmo um prêmio importante como o prêmio Shell, que é o maior do país em música erudita, eu já estou acostumado. Além da soma em dinheiro, eles promovem um concerto e fazem gravações da música do compositor. Já está gravado um disco de composição minhas com Vinicius de Moraes, uns Prelúdios para Piano, e a Sinfonia da Paz, gravada com o coro e a orquestra de Moscou. Naturalmente, eu me senti feliz em receber o prêmio, principalmente porque tinha uma somazinha em dinheiro, que não faz mal a ninguém. A divulgação do concerto também foi grande, a nível nacional, em todos os principais jornais do país.

Campus: Então a solução para a Música Erudita seria o patrocínio? Como é que fica o problema da comercialização?

Santoro: O problema da comercialização é como um livro de filosofia, que não vende tanto quanto Jorge Amado. O que acontece atualmente, é que sem espaço para a música erudita, não dá. Como você vai gostar de caviar, sem ter provado? Você não sabe se é bom ou ruim. A diferença que há entre a divulgação da música popular e a da música erudita é de um para mil, ou de um para cem mil. As reportagens de televisão dedicam 25 segundos para a música erudita. O problema da divulgação e das gravações é econômico, porque as gravadoras que estão aqui são de caráter puramente internacional. Elas estão pouco ligando para a cultura do país. Estão interessadas em ganhar dinheiro. E quem dá dinheiro? Roberto Carlos. As gravadoras boicotam até os compositores populares que não entram na linha delas. E realmente uma Máfia muito perigosa contra a cultura nacional, que grava o pior da música popular. Os disc-jóqueis matram a música o dia inteiro e tem os vídeo-clips, de apelo erótico ou violento. Isso é uma deformação do caráter do nosso povo. Então iniciativas como a da Shell, que é uma empresa estrangeira que ajuda a nossa cultura, são muito válidas.

Campus: Qual seria então o papel dos meios de comunicação para modificar a situação da música erudita?

Santoro: O problema está principalmente nos meios educacionais. Tiraram a música como matéria obrigatória nos colégios. Puseram uma besteira que se chama Educação Artística, onde o sujeito não aprende nada. O sujeito faz um cursinho muito mambembe, e sai querendo "criar novos Leonardos da Vinci". Querem formar Leonar-

Os músicos brasileiros só vão para o exterior para receber o selo "Made in Europa". Normalmente, eles não aprendem nada.

O plano inicial da UnB foi completamente estragado. A Revolução acabou com a universidade.

O problema está principalmente nos meios educacionais. Querem formar Leonardos da Vinci com meia dúzia de semestres é um absurdo.

É realmente uma Máfia muito perigosa contra a cultura nacional que grava o pior da música nacional.



dos da Vinci com meia dúzia de semestres é um absurdo. Além disso, a divulgação da música erudita teria que ser obrigatória, através das televisões educativas. Essas televisões deveriam ser centros de vídeo-tape, que divulgassem e documentassem a cultura de cada região.

Campus: E a UnB, quais os rumos que a universidade pode seguir para melhorar esta situação?

Santoro: Eu fui um dos criadores na UnB, cheguei aqui em 62, quando a UnB estava se organizando. O plano da universidade foi completamente estragado. Antigamente havia uma disciplina chamada Disciplina de Integração. Alunos faziam matérias em outros departamentos. Eu fazia concertos todos os sábados e alunos e professores assistiam. No Auditório Dois Candangos a gente punha música, desde a mais primitiva até a mais avançada. O pessoal ia prá lá, dormir, estudar, e ouvir boa música. Inventaram agora um monte de disciplinas que não valem nada: EPB, IMC, Prática Desportiva. Prática Desportiva o sujeito faz no ginásio, ou se quiser ser professor de esportes. Agora mandar os alunos de Música correr e levantar peso, eles chegam aqui tão cansados que não podem nem tocar. A Revolução acabou com a Universidade.

Campus: Com a Nova Retórica, o senhor vai mandar propostas para que a universidade volte a ser o que era?

Santoro: Olha, voltar ao que era é difícil, porque a universidade cresceu e tem quase mil professores e dez mil alunos. Ela cresceu em quantidade e não cresceu em qualidade. Quando eu fui Chefe de Departamento, quis fazer uma série de reformas, inclusive reformar o currículo, que está uma porcaria. Mas tive oposição dentro do próprio departamento. Houve professores que escreveram para a COPEVE, porque eu queria modificar o Vestibular. Mas é absurdo que alunos com excelente nível musical não passem no Vestibular

por causa de Biologia ou Química. Fui eu um dos criadores do vestibular unificado, mas as provas tinham um peso específico. Um aluno de Música precisaria de Matemática, Física (na parte de Acústica) e as matérias de Humanidades. Para que Biologia ou Química? Só se for para analisar o verniz dos instrumentos. Quanto ao novo reitor, eu já tive uma conversa com ele, que é uma pessoa mais aberta. Mas é preciso que o pessoal que está com ele também seja. Porque para o Azevedo eu fiz vários projetos, que foram barrados pelo Lister. E desestimula você fazer um projeto cheio de entusiasmo, e não encontrar eco no próprio departamento.

Campus: A gente tem visto um recente despertar da Música Erudita. O filme "Amadeus" provocou um interesse tanto pela obra de Mozart quanto pela de Salieri. Dentro deste contexto, esse interesse de muita gente pela música clássica é real?

Santoro: É real, o que prova a minha teoria de que se houvesse maior propaganda, haveria maior interesse. Se não fosse real, ninguém veria o filme nem compraria os discos de Mozart. No momento em que isso é divulgado, todo mundo vai e gosta. Quando a coisa é bem apresentada, como nos filmes "Carmem" e "La Traviata", o público prestigia. Então o problema não é da música erudita. É da falta de divulgação.

Campus: Qual o valor dado no Brasil para a Música Erudita?

Santoro: Existe atualmente um público muito restrito, que era maior antigamente. Eu fui um dos fundadores da Orquestra Sinfônica Brasileira, e n.os sempre repetiamos os concertos duas vezes. Nesta época, o Rio de Janeiro tinha no máximo um milhão de habitantes. Hoje em dia, a população cresceu sete vezes, mas houve um decréscimo na realização dos concertos. Os sociólogos dizem que isso é uma consequência da grande cidade que é o Rio de Janeiro, pois muita gente tem medo de sair à noite. Mas eu não acredito nisso.

Campus: Será que isso não tem também um lado econômico? A classe baixa tem acesso à música erudita?

Santoro: Os nossos melhores concertos aqui em Brasília são mais baratos que um cinema. A divulgação é que pesa. Se viesse alguém bem conhecido, mesmo um artista popular, sem divulgação ninguém iria vê-lo. Por puro desconhecimento. No Rio e em São Paulo, a coisa é diferente. A Filarmônica de Viena veio ao Brasil e cobrou 400 mil cruzeiros de ingresso. Nem eu posso pagar isso.

Campus: Já é que a música erudita fica elitizada...

Santoro: O problema é o seguinte: por que trazer a Filarmônica de Viena? Com o dinheiro que se gastou, se podia melhorar as nossas orquestras, pagando melhor e tendo um nível melhor. Isso não é elitismo, é esnobismo cultural, de uma classe que está nadando em dinheiro, e pode pagar 400 mil cruzeiros por uma entrada.

Campus: E iniciativa com o Projeto Aquarius?

Santoro: Eu acho uma iniciativa boa, em parte. O problema é este: é como se nós disséssemos: "Vamos alimentar o povo que está passando fome. Então dá esta batida ruim, esses legumes que não valem nada, essa carne que não foi vendida. E a mesma coisa. Eles dão um tipo de música que eles chamam de popular, um popular que o pessoal já conhece. "Ah, é o que o público gosta". Não é nada disso. Eu já toquei Wagner, Tchaikovsky e uma valsa de Strauss, para o povo. O menos aplaudido foi a valsa, que era a mais popular. Pensam que o público mais pobre tem uma sensibilidade menor do que quem é rico.

Campus: Como é o método de um compositor? Como ele arranja tempo para compor, já que tem tantas atividades paralelas?

Santoro: Não existe método para compor, eu componho nas minhas horas vagas. Quando eu era jovem, eu tinha 3 empregos e compunha de madrugada. O sujeito que quer trabalhar, arranja tempo. Eu organizei a minha vida na UnB e os meus concertos, para poder compor. Tenho um assistente para cuidar da burocracia, e assim, eu posso compor.

Campus: E os músicos iniciantes?

Santoro: Eu sempre trabalhei no mínimo quinze horas por dia. Esse é o meu método. Hoje, um músico de orquestra ganha mais do que a gente ganhava antigamente. Eu ganhava 400 cruzeiros, quando ganhava. Hoje em dia o salário é de dois milhões e pouco. Então, eu acho que a coisa está bem mais fácil. Mas só se progride em arte trabalhando muito.

Campus: Normalmente, o músico brasileiro só é reconhecido depois que vai para o exterior...

Santoro: É normalmente, eles vão e não aprendem nada. Vão para receber o selo "Made in Europa".

Campus: Mas é o próprio meio musical que acaba valorizando a pessoa que vem de fora?

Santoro: Nós ainda somos uma colônia, e fazemos questão de mostrar que somos subdesenvolvidos. Agora mesmo estão organizando uma festa para o Mitterrand, que vai ser uma demonstração: "Veja como nós somos bem subdesenvolvidos. Se o nosso presidente fosse à Paris, o Mitterrand faria questão de colocar um balé ou uma Ópera na de Paris, para mostrar o que eles têm de melhor na cultura. Aqui, colocam umas baianas rebolando, umas mulatas com a bunda de fora, e pronto.

Campus: Então o senhor não acha tão necessário que o músico brasileiro estude no exterior?

Santoro: É bom, se ele morar em determinados lugares. Assim mesmo tenho as minhas dúvidas. É interessante ir à Europa, e ver as coisas que não se pode ver aqui. O meu filho vai pra Moscou estudar, apesar de ter uma boa professora aqui. Porque ele não tem ambiente aqui. O que ele vê aqui? O que ele ouve? Nada. É grande parte do que

se apresenta aí é mediocre. O músico precisa de ouvir coisas, e ver gente tocando melhor do que ele. Os alunos daqui querem fazer um curso de Composição em três semestres sem estudar! Como se pode aprender uma coisa tão difícil em apenas 3 semestres? É muito pouco.

Campus: A Ordem dos Músicos quis embargar a Feira de Música, que é um espaço aberto ao artista da cidade, por problemas de profissionalização dos músicos. Como o senhor vê esta questão?

Santoro: A Ordem dos Músicos foi criada para dar um status ao músico, assim como existia a Ordem dos Advogados do Brasil. A primeira idéia era a de só admitir universitários. Depois, a Ordem ficou coerciva. Quem quer fazer música popular não pode se apresentar, pois a Ordem fiscaliza. Para resolver o problema, decidiram fazer um cursinho, e um exame muito rudimentar. Ai as pessoas recebem a carteira da Ordem, igual a um maestro que estudou anos e anos. É um papel coercivo. A "Missa em Si Menor" quase não foi realizada, pois queriam que o coro e o maestro alemão Kegelmann fossem sindicalizados. O público iria perder uma obra magnífica por causa disso. Eu toco na França, na Alemanha, e ninguém me obriga a ser sindicalizado. Numa cidade que não tem coro profissional, não se pode exigir nada disso. O sindicato é formado por um bando de pelegos, que só pensam em dinheiro.

Campus: Como está a Orquestra do Teatro Nacional, e quais são os seus planos?

Santoro: Eu tenho planos de melhorar o salário da orquestra, não sei se vou conseguir, mas com um salário maior você pode exigir mais, e ter músicos importantes. E também ampliar a orquestra, fazer dela uma orquestra realmente importante. Não é importante só o número, mas também a qualidade.

Campus: E em termos de programação?

Santoro: Em termos de programação, eu vou fazer uma série de concertos chamados Concerto das Nações, vou contactar embaixadas, que possam oferecer regentes e solistas de alto nível. E nós tocaríamos a música destes países. Ainda tem um festival de música brasileira, e um de música latino-americana. E nos intervalos, Beethoven, Wagner, etc.

Campus: E a Ópera?

Santoro: Só se pode fazer ópera decentemente, quando o teatro tiver recursos como um coro bom, um corpo de baile e uma equipe técnica. Não adianta trazer o Pavarotti, e ter cenário ruim, direção péssima, não dá. Eu fiz uma ópera, que deverá ser apresentada em São Paulo no ano que vem. O Carlos Gomes fez muita ópera, e na época, se trazia quase tudo da Europa. Agora nós já temos condições de fazer tudo. Precisa é de muito dinheiro para isso. Cultura só se faz com muito dinheiro. Não tem volta imediata, o retorno é a longo prazo. Um povo sem cultura não existe.

GOIÂNIA, A CIDADE DOS MUTIRÕES

Íris dá os primeiros passos rumo à Presidência

ANA PAULA ARARIPE
LUIZ QUEIROZ
SANDRA MACHADO

CENA 1 — Plano 1 — Dia 6 de outubro — Entrada da cidade: "Participe do grande mutirão da moradia. A força é você".

A cidade amanheceu chuvosa. Nas ruas, o movimento era pequeno. As atenções estavam todas voltadas em direção ao local onde seriam rodadas as primeiras imagens do filme "O Mutirão". O povo já estava lá, para assistir de perto o movimento dos artistas.

Plano 2 — Nos bastidores, o corre-corre era enorme. Postos de saúde retocavam a maquiagem dos atores, enquanto o figurinista ia de ator em ator consertando as vestimentas. O barro ajudava a dar o aspecto rústico do filme. Saquinhos de leite eram distribuídos para os mais sedentos. Só faltavam mesmo os personagens principais: o presidente Sarney e o governador Iris Rezende.

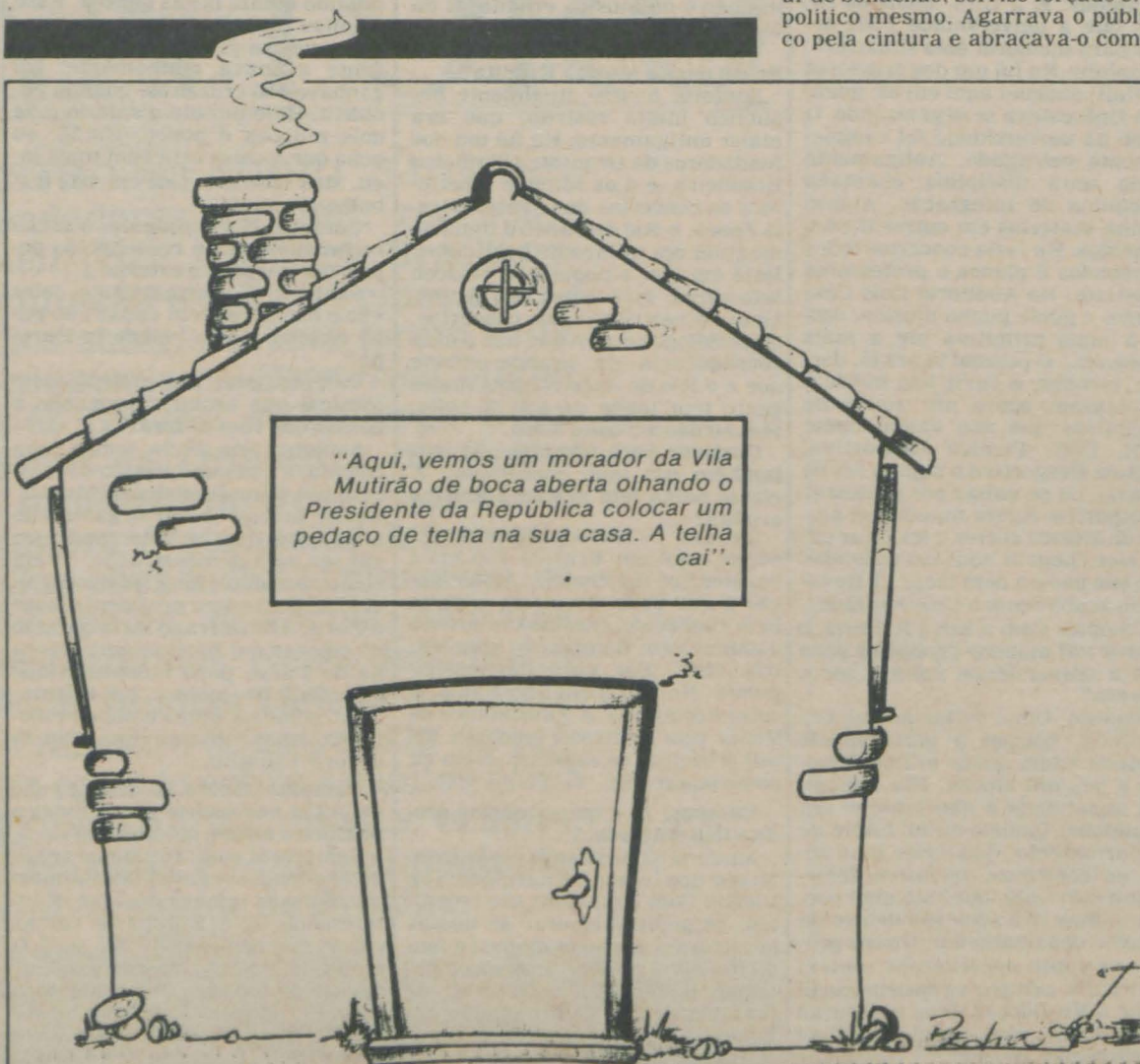
CENA 2 — Plano 1 — As 9 horas, começou a ser rodada a cena mais importante. O astro principal, acompanhado de sua comitiva e do governador Iris Rezende, iniciava a sua performance. Os planos se alternavam em plano geral e close. Só que o presidente Sarney ficou diante das câmeras por muito pouco tempo. E que ele tinha de rodar outro filme em Brasília, no estúdio Ulysses Guimarães. Bem mais requintado e aconchegante do que as tomadas feitas em Goiânia ao ar livre.

CENA 3 — Plano 1 — O foco agora era deslocado para os atores codjuvantes. Com enxadas na mão e o suor escorrendo pelo rosto quebravam um pouco da magia e inseriam um novo estilo de representação, mais próximo do real. Casas eram erguidas, portas eram pintadas e jardins plantados.

CENA 4 — Plano 1 — As 11 horas, outro personagem central voltava às filmagens e arrancava aplausos do público. Era o governador Iris Rezende, "o comandante de Goiás". Havia trocado o terno por uma roupa bem mais informal e mais condizente com a ocasião. Fãs ardorosos invadiam a cena para tocar no grande mito e abraçá-lo. D. Iris, atriz que contracenava com o governador, também era aplaudida pela sua interpretação.

Plano 2 — Num intervalo curto das filmagens, o governador declarava estar satisfeito com o sucesso do filme. "Mesmo com a chuva o povo veio, tomou conta do canteiro de obras, com pessoas suficientes para construir vinte vezes mais o número de casas que seriam construídas naquele dia". A repercussão do projeto era citada com orgulho. "Centenas de auxiliares, governos estaduais e prefeitos estão

O cenário estava pronto. Faixas e cartazes espalhados pela cidade davam colorido ao espetáculo. Holofotes ligados e placas de cimento eram polidas. A crítica já afiava o lápis para anotar os deslizamentos da produção. O povo esperava a entrada dos grandes astros e aproveitava para gritar por uma reforma agrária nos cinemas do País. "Iris Rezende esteve afastado, mas agora ele voltou de novo" era a música que se misturava com o batuque das enxadas.



vindo a Goiânia para conhecer mais de perto o projeto. Ele já está sendo adotado em outros estados".

CENA 5 — Plano 1 — O ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Flávio Peixoto, também teve seu espaço na fita. Era um personagem importante da trama política. Entre um descanso e outro lembrava entusiasmado a presença do presidente Sarney. Aquele gesto significava um incentivo ao programa de trabalho comunitário desenvolvido pelo governador de Goiás. "A partir desse mutirão, nós temos um aliado, um defensor do programa a nível nacional". Flávio Peixoto aproveitou também para destacar a importância do povo na construção da democracia. Mais adiante, voltou a falar sobre o mutirão e defendeu a exibição da fita em outros estados. "com as devidas adequações que cada estado ou município exige". Sobre a reforma agrária nos cinemas do país, o ministro foi enfático: "Ela já está vindo. E um compromisso do presidente Sarney".

Plano 2 — Entra em cena um personagem de Fellini. E o prefeito de Goiânia, Nion Albernaz. Um ar de bonachão, sorriso forçado e... político mesmo. Agarrava o público pela cintura e abraçava-o como

se fossem amigos íntimos. "Já que a montanha não vem até Maomé, Maomé vai até a montanha". Num daqueles momentos de inspiração que todo bom ator tem, soltava uma das frases mais profundas e dramáticas da história: "Não adianta a pessoa ter fome e chorar num arrozal em flor. O arroz não amadurece porque ele está com fome".

CENA 6 — Plano 1 — "Queremos reforma agrária já em todos os municípios brasileiros".

Desfilando pelo "mutirão", trabalhadores de vários municípios exigiam reformas urgentes. Um personagem, que por alguns momentos teve o seu rosto em close, declarou ofegante: "Eu já fiz três passeatas hoje e tô até emocionado".

Plano 2 — Outros 126 trabalhadores se colocaram em frente ao palanque onde estavam os cineastas. Eram do município de Mineiros e estavam mais desacreditados do que os outros. Exibiam cartazes de um colorido feio e com imagens agressivas. A funcionária Maria Célia de Souza, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, explicou o motivo de tal atitude: "A Nova República não está funcionando até agora; o pessoal tá necessitando de terra". Mesmo assim, conseguiram que o ator principal, o presidente Sarney, levasse um documento da classe reivindicando a reforma agrária já.

Plano 3 — Divino, um menino de 11 anos, olhava perplexo para aquela confusão toda. Sem entender muito o porquê da gritaria, resolveu também participar e gritar pela tal reforma. Quando perguntaram para ele o que significava aquilo, ele olhou para os lados e respondeu titubeando: "Ora, é a união do povo".

CENA 7 — Plano 1 — O povo estava lá. Uns participando ativamente e outros observando por trás das câmeras. O negócio era ver de perto aquilo tudo. Benedito da Silva, de Iturái, não querendo muita publicidade pegou na enxada bem cedo e não parou enquanto a casa não estava pronta, às dez horas da manhã. Vindo do interior, só para ajudar, disse que não se interessava em receber nada em troca. A prefeitura de Catalão também veio ajudar na filmagem. Construíram 10 casas em 4 horas, com jardim e tudo.

Plano 2 — D. Maria de Lourdes Pereira, 5 filhos e desempregada, queria conseguir uma das casas, pois as achava bem "boazinhas". D. Iolice Barbosa, que já é moradora da vila, dizia que não faltava nada na sua casa, graças a Deus. Apesar de ter de abrigar em 34m², oito filhos e um marido doente.

CENA 8 — Término das filmagens. Apesar do calor, da fome e do cansaço os atores estavam satisfeitos com o produto final. 561 cenas foram rodadas.

IRIS, COMANDANTE DE GOIÁS

Como se constrói uma casa?

A Companhia de Desenvolvimento de Goiás (CODEG) é responsável pelo sucesso da Vila Mutirão. Ela cuida da infra-estrutura e dos detalhes da vila, tais como: escolha do material para construção, treinamento do pessoal (coordenadores da área social etc. Segundo Ildo de Pina, Diretor de Operações, cada casa possui 34m2 construídos, com um custo aproximado de 11 milhões de cruzeiros. "Se fosse pelo sistema convencional, seria 23 milhões. O material usado é o pré-moldado, estrutura e esquadria metálicas, telhas de fibra de cimento; o que garante a resistência e a durabilidade das casas, pois não estão sujeitas à corrosão por ferrugem", disse Pina. A vila é composta por uma avenida principal, chamada Avenida do Povo e 16 ruas

transversais, sendo dividida em quadras que, por sua vez, são divididas em lotes. Esses lotes, além das casas, dão lugar para a plantação de pequenas hortas ou árvores frutíferas. O primeiro mutirão construiu 1.000 casas, este segundo 561 e a terceira etapa, que já está loteada, construirá mais 1.500, abrindo um total de 3.061 famílias. O critério para distribuição dos lotes é feito pelas Legionárias de Goiás, que visitam invasões e pesquisam as famílias mais carentes. Ildo de Pina afirma que em menos de quatro horas, dez homens levantam uma casa. As etapas da obra, pela ordem, são as seguintes: conferência do nível ou altura em que vai ficar o pilar, colocação deste e das placas de cimento (30kg cada), portas e janelas (coloridas), telhas, chuveiro, pia etc. Pina esclarece que as instalações

hidráulicas e elétrica são feitas numa fase posterior, na qual também é colocado o piso, que é cimentado. Cada casa possui cinco cômodos divididos em dois quartos, uma sala, um banheiro e a cozinha.

A vila Mutirão fica a 15 quilômetros do centro de Goiânia e possui duas escolas, um posto de saúde, transporte urbano, posto policial, assistência social permanente dada pelas Legionárias. O sistema de esgoto é feito através de fossas ou sumidouros. Além disso, a comunidade dispõe de água e luz. Nos dias de obras, são ativados três postos de atendimento médico e oftalmológico, além da distribuição de saquinhos de leite, para os "operários". Tudo feito de modo a garantir a realização de cada etapa do mutirão em um clima de solidariedade.

Imaginação X Realidade

SANDRA MACHADO

Há dias que acordamos com "ressaca moral", desanimados para mais uma "batalha"! Naquele domingo, o ar frio da madrugada e a monotonia nos levavam pela estrada a caminho de Goiânia. Cobrir o "Mutirão da Moradia". E, às vezes, a ideia empolgava e falávamos com entusiasmo. Mas a lembrança de uma cama "quentinha" arrepiava!!

Na entrada da cidade, vimos um cartaz enorme com o "slogan": "Participe do Mutirão. A Força é Você". Comecei a pensar nas famílias desabrigadas em todos os cantos do país. Voluntários para construir 561 casas, em um dia, sem qualquer remuneração, sem nem ter certeza se terão direito a uma das casas que construiriam... Sonho? Será possível uma união em torno de algo que, para nós de classe média, parece tão utópico?

A resposta para minhas divagações veio assim que pisamos os pés na Vila Mutirão. Uma avalanche de emoções e os olhos se encheram de água, minha "ressaca" foi para o espaço e eu não cansava de percorrer as casas. A lama formada pela chuva não incomodava. Dava até gosto o cheiro da terra, misturado ao do povo trabalhador e sofrido. Perguntava aos "obreiros" desde que horas estavam ali, se estavam cansados ou se esperavam ganhar uma casa. "Sei não, eu quero é acabar esta..."

Povo bonito de se ver e ouvir. Vimos um grupo com cartazes pedindo a reforma agrária-já. Seu Joaquim, um lavrador marcado no rosto e nas mãos pelo tempo e pela vida nada fácil que parece ter levado, declarava que já tinha feito três passeatas naquele dia e estava "até emocionado"... tinha esperanças de que o presidente Sarney atendesse às reivindicações do grupo. Disse que também esperava o mesmo e ele foi enfático: "Nós temos que nos unir".

Nosso único momento de "volta à terra", no meio de tanta empolgação, foi quando "topamos" com o Prefeito de Goiânia, Nion Albernaz, e vimos a demagogia estampada naquele sorriso forçado e naqueles abraços sufocantes. "Muito prazer em revê-la", disse ele para minha companheira. Ana Paula olhou para mim e não conseguimos prender o riso. Pouco depois nos deparamos com o governador Iris Rezende, quase sendo atropelado pela massa que corria em sua direção. Conseguimos chegar a ele que, entre sorrisos e apertos de mãos, afirmou sua alegria pelo sucesso do mutirão e a certeza de que o exemplo seria seguido por outros estados. Pensamos nos votos que ele visualizava naqueles eleitores que o cumprimentavam.

O mutirão visto por trás das câmeras

Filme puxado para 800 ASA, pois tinha pouca luz. Velocidade em 125, abertura da lente em f/16 e pronto... Bastava apenas apertar o disparador e mais um instantâneo da realidade estaria guardado num cantinho escuro da máquina.

A presença do presidente Sarney, no mutirão da moradia, era motivo de euforia e algazarra. Era difícil atravessar aquela multidão. Mas a foto seria histórica. Tínhamos que conseguir. Quando o presidente subiu numa escada para colocar uma telha numa casinha do mutirão, a máquina tremeu, mas mesmo assim registrou o fato.

O presidente não falou nada. Mas tampém não foi preciso. Um discurso altamente letrado, coisa natural de um presidente imortal, não teria surtido tanto efeito quanto aquele gesto. Naquele instante, Sarney não só colocou um teto na casa do futuro morador, mas também colocou um reforço no teto do

PMDB, que há muito vem lutando para obter o apoio efetivo do presidente.

Depois da saída do presidente Sarney, outros momentos precisavam ser registrados. A cara do pessoal do PFL era digna de uma foto. O sorriso "democrático" de alguns políticos, as pessoas trabalhando, outras balançando bandeirolas e até um menino que se esforçava para limpar o salão eram outros desses momentos ricos para um repórter-fotográfico.

Os detalhes mais pitorescos foram registrados. Famílias inteiras posavam para as fotos, como se estivessem sendo fotografadas por um lambe-lambe da Rodoviária.

As 108 fotos só foram tiradas graças à boa vontade do fotógrafo, que desembolsou cerca de 100 mil cruzeiros para a compra dos filmes. As fotos continuam num cantinho escuro da máquina. Talvez um dia, elas possam ser mostradas.

Iris Rezende e Nion Albernaz: a difícil busca de eleitores

PROJETO

PROTEUS

A informática no Senado

GLORIA CARVALHO

O vídeo-texto chegou aos gabinetes dos senadores, através do projeto Proteus, implantado pelo Prodasen (Centro de Processamentos de Dados do Senado) e pela SDS — Secretaria de Divulgação do Senado. O projeto está funcionando em caráter experimental.

Segundo o diretor da SDS, J. O. Barbosa Gonçalves, mais conhecido como Gueguê, o projeto tem por objetivo manter os senadores bem informados sobre toda a programação de trabalho do dia, sem ter de recorrer às cópias da "Voz do Brasil". Agora, os senadores poderão saber das notícias através de seus próprios terminais, conforme suas necessidades, buscando em primeiro lugar a mensagem que mais lhe interessa.

AGÊNCIAS

A EBN (Empresa Brasilei-

ra de Notícias) fornece informações diárias para o computador do Prodasen, assim como outras agências de notícias nacionais e internacionais. Com esta iniciativa, todos estes serviços estarão à disposição das Comissões e dos gabinetes simultaneamente, agilizando o processo da informação.

O computador emitirá, a partir das 7:30 horas, a sinopse da EBN, noticiário de agências de notícias nacionais e internacionais, agendas das Comissões Técnicas, CPIs, Mistas e Especiais do Senado Federal. A partir das 10 horas, ordem do dia e oradores inscritos. As 16 horas, noticiário sobre as atividades do Senado, produzido pela Secretaria de Divulgação. E por último, a partir das 20:30 horas, texto completo da "Voz do Brasil" que foi ao ar às 19:30 horas do mesmo dia.

Do Congresso para o mundo

JUNIA MELO

Os comitês de imprensa da Câmara dos Deputados e do Senado Federal são os órgãos que representam e defendem os interesses dos jornalistas que fazem a cobertura do Congresso Nacional. Organizados pelos próprios jornalistas, contam com todo apoio da Câmara e do Senado, que assegura uma base física de apoio para facilitar o trabalho dos profissionais. Os comitês são os locais onde os jornalistas escrevem suas matérias, recebem as pautas e comunicações dos órgãos em que trabalham, telefonam e transmitem notícias.

O credenciamento pressupõe o atendimento de certas condições. E preciso ser jornalista profissional, vinculado a uma empresa com sede ou sucursal em Brasília, deve ser sindicalizado e ter contrato de trabalho em vigor. Não há, com isso, cerceamento de profissional que não atenda a uma dessas condições, como é o caso do free-lancer. Existem recursos regimentais que possibilitam a um profissional deste tipo ter credencial provisória, durante o período que for necessário e por quantas vezes precisar.

No Comitê do Senado, estão

credenciados 76 jornalistas, que não dispõem de muito espaço e sofrem até mesmo de um certo desconforto. Há inclusive um projeto de ampliação do comitê, de autoria de Oscar Niemeyer, para solucionar o problema da falta de espaço. Na Câmara ocorre o mesmo problema em função dos 199 jornalistas credenciados. O Congresso coloca à disposição deles máquinas de escrever, telefones e autôfalantes reguláveis, equipamento necessário que lhes permite cobrir satisfatoriamente as sessões parlamentares.

BASTIDORES

A maioria dos profissionais recebe pautas de seus editores, além da pauta de sessões do Congresso. Seus horários variam de acordo com os órgãos para os quais trabalham, que também diferem em porte e estrutura podendo ser rádio, TV, jornal ou revista. O trabalho de apuração e reportagem se passa praticamente extracomitê, nos bastidores, ouvindo deputados e senadores, em seus gabinetes, nas comissões, nos salões e anexos que compõem o Congresso Nacional.

Convivem no Comitê de Imprensa jornalistas das mais diversas tendências, bem ao estilo do próprio Congresso, onde políticos divergentes e de correntes ideológicas se misturam.

SENHORES, COMO PRESIDENTE DA MESA ESTOU NO DEVER DE INFORMAR-LHES QUE, MAIS DIA MENOS DIA, VAMOS TER QUE VOTAR ALGUNS DESSES PROJETOS.



Como uma proposta se transforma em lei

ADELIA BARROSO - MARLUCE BRAUNA

Como você sabe, a maioria dos discursos dos parlamentares vale para aumentar seu prestígio e para ser notícia em jornal, mas se um deputado ou senador quiser mudar alguma coisa concretamente terá que apresentar um projeto de lei para ser votado. Quando assistimos ou ouvimos falar de uma votação em plenário, tudo nos parece fácil: os deputados e senadores dizem sim ou não e a mesa encerra a sessão. Mas existem outros momentos que são importantíssimos e que podem levar um projeto ao conhecimento nacional ou a uma prateleira empoeirada do Congresso.

Os passos dados para que um projeto chegue ao plenário são muitos. Em primeiro lugar, o autor da ideia deve escrevê-la de forma convencional — para isso ele conta com o apoio de uma equipe permanente de funcionários do Congresso, que sabe transformar as palavras ardentes de um orador em "revogam-se as disposições em contrário..." com a papelada na mão, o deputado procura informalmente seus correligionários para obter apoio e contribuições.

Depois o projeto é encaminhado à Comissão de Constituição e Justiça, onde será verificada sua constitucionalidade e juridicidade. Ou seja, se afronta o texto constitucional ou não. Existem projetos que ficam uma semana nesta comissão, outros podem demorar mais de um ano para serem liberados; isto porque sendo esta comissão uma passagem obrigatória de todos os projetos, ela está sempre abarrotada.

Tendo o aval da Comissão de Constituição e Justiça, o projeto segue para a comissão específica (Saúde, Educação, Índio, Economia, etc). Nessa etapa serão observadas as diretrizes do projeto, suas decorrências e ouvidas as posições de pessoas que de alguma forma tenham ligação com o assunto. São nessas comissões que o caldeirão feixe.

Depois que esta etapa é vencida, havendo a sua aprovação, o projeto segue para Comissão de Redação. Todos os projetos aprovados recebem uma elaboração final, onde constarão os debates, os pareceres dos partidos e as emendas apresentados nas reuniões.

Finalmente o projeto é levado a plenário para receber a aprovação ou rejeição da Câmara e do Senado.

Existem hoje no Congresso Nacional 39 comissões permanentes e 17 temporárias (externas, mistas, especiais e de inquérito). O papel das comissões é estudar e melhorar o conteúdo dos projetos. São nelas que os assuntos mais importantes do país passam por um minucioso debate, em que várias pessoas colocam seus pontos de vista. Por exemplo, a Comissão de Comunicação estudando a proposta de que a concessão de canais de televisão seja dada pelo Congresso e não pelo executivo. Esse assunto está merecendo atenção de jornalistas, empresários de comunicação, e governo. As reuniões estão contando com a presença de personalidades que concordam e discordam do projeto.

COMISSÕES PERMANENTES

Comissão	Presidente
AGRICULTURA	Martins Filho
ASSUNTOS REGIONAIS	José Lins
Ciência e Tecnologia	Milton Cabral
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA	José Ignácio Ferreira
DISTRITO FEDERAL	Mauro Borges
ECONOMIA	João Castelo
EDUCAÇÃO E CULTURA	Aderbal Jurema
FINANÇAS	Lomanto Júnior
FISCALIZAÇÃO E CONTROLE	Roberto Campos
LEGISLAÇÃO SOCIAL	Alberto Silva
MINAS E ENERGIA	Albano Franco
MUNICÍPIOS	Moacyr Dália
REDAÇÃO	Lenoir Vargas
RELAÇÕES EXTERIORES	Cid Sampaio
SAÚDE	Lourival Baptista
SEGURANÇA NACIONAL	Odacir Soares
SERVIÇO PÚBLICO CCivil	Alfredo Campos
TRANSPORTES, COMUNIC. E OBRAS PÚBLICAS	Alexandre Costa
CÂMARA	Presidente
Comissão	
AGRICULTURA E POLÍTICA RURAL	Jorge Viana-PMDB-BA
Ciência e Tecnologia	Adail Vettorazzo-PDS-SP
COMUNICAÇÃO	Ibsen Pinheiro-PMDB-RS
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA	Aluisio Campos-PMDB-PB
DEFESA DO CONSUMIDOR	Nelson do Carmo-PFL-SP
ECONOMIA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO	Ralph Biasi-PMDB-SP
EDUCAÇÃO E CULTURA	João Bastos-PMDB-SP
ESPORTE E TURISMO	José Moura-PLF-PE
FINANÇAS	Aécio Borba-PDS-CE
FISCALIZAÇÃO FINANC. E TOM. DE CONT.	João Carlos de Carli-PDS-PE
ÍNDIO	Arildo Teles-PDT-RJ
INTERIOR	José L. Maia-PDS-PI
MINAS E ENERGIA	Marcos Lima-PMDB-MG
REDAÇÃO	Flávio Marcilio-PDS-CE
RELAÇÕES EXTERIORES	Francisco Benjamin-PFL-BA
SAÚDE	Carneiro Arnaud-PMDB-PB
SEGURANÇA NACIONAL	Ney Ferreira-PDS-BA
SERVIÇO PÚBLICO	Homero Santos-PFL-MG
TRABALHO E LEGISLAÇÃO SOCIAL	Amadeu Geara-PMDB-PR
TRANSPORTES	Juarez Baptista-PMDB-MG

PRESERVAÇÃO DA NATUREZA

A destruição
do cerrado
passa
em brancas nuvens,
até mesmo
no dia da
Ecologia

Agropecuária ameaça a existência do cerrado

MARIA DE LOURDES DUARTE TAVARES

Nem mesmo o dia da Ecologia, 4 de outubro, conseguiu chamar a atenção para o processo de destruição do cerrado. Atualmente, frente de exploração agrícola para culturas extensivas como a soja, o cerrado tende a desaparecer dentro de pouco tempo. Essa é a opinião do professor de Paisagismo da UnB, Eurico Salvati. Na medida em que não há obediência ao Código Florestal e os proprietários destroem toda a vegetação nativa, como árvores típicas, matas ciliares (que acompanham os rios) e veredas, a destruição do cerrado para a agropecuária torna-se irreversível, conforme declarou ao Campus a atual Secretária-Geral do IBDF e ex-Diretora do Departamento de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes, Maria Teresa Pádua.

Pela fácil adaptação a culturas mecanizadas e com a crescente procura por terras para explorar, o cerrado tornou-se, nos últimos anos, uma região de intensa atividade agropecuária. Agravando esse quadro, há o incentivo dado pelos governos anteriores à plantação de soja para exportação, o que fez aumentar a necessidade de, a curto prazo, assegurar-se a preservação desse espaço através de Reservas e Parques.

Segundo Lourdes Ferreira, ecóloga formada pela UnB, e técnica do Departamento de Parques Nacionais, "é inevitável prejudicar determinados solos para atender interesses econômicos imediatos". No entanto, os prejuízos acabam sendo muito maiores, devido à prática abusiva de queimadas e do tratamento das plantações com produtos químicos e tecnologias modernas. Para Lourdes, "a utilização de queimadas é ainda uma técnica muito controversa", mas que ela e inúmeros cientistas consideram prejudicial ao solo. Quanto às formas de impedir a proliferação de pragas, Lourdes esclarece que há outros métodos mais naturais e próprios para culturas extensivas. Um deles é a mesclagem de área preservada nativa com áreas plantadas, evitando-se o desenvolvimento das pragas que encontram, nas grandes plantações, alimento em abundância, sem enfrentar seus naturais predadores, desaparecidos juntamente com o cerrado.

Para evitar o total desapareci-

mento do cerrado, foram criados até o momento dez Parques Nacionais. No entanto, apenas três são realmente representativos dessa tipologia: o Parque Nacional das Emas, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, ambos em Goiás, e o Parque Nacional de Brasília. A Secretária-Geral do IBDF, Maria Teresa, considera o Parque Nacional das Emas como o melhor, "devido à sua extensa área de 120 mil hectares, terreno quase todo da União, bem protegido e onde existe, com suas flora e fauna típicas, toda a fisionomia do cerrado: campo limpo, campo sujo, vereda, mata ciliar, cerrado e campo cerrado", sendo este o que caracteriza genericamente o cerrado. No entanto, a ecóloga Lourdes Ferreira alerta para a situação deste Parque: "Ilhado por uma plantação de soja, o Parque Nacional das Emas está sendo ameaçado pelos agrotóxicos pulverizados por avião e que inevitavelmente atingem a região do Parque, acarretando sérios riscos à sua flora e fauna".

Já para Maria Teresa, o maior problema enfrentado pelos Parques e Reservas é a regularização fundiária. Legalmente estas áreas estão preservadas, mas elas ainda são propriedades particulares e os fazendeiros continuam a explorá-las, reduzindo a possibilidade de efetivamente se implantar um Parque Nacional. É o que acontece com o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, a 150 km de Brasília. Criado

em 1961, com 700 mil hectares, hoje a legislação restringiu sua área a 60 mil, mas apenas 2.100 hectares foram doados ao Parque", completa a Secretária-Geral do IBDF.

Com apenas 30 mil hectares, o Parque Nacional de Brasília apresenta uma boa infraestrutura turística e razoável fiscalização, sendo totalmente cercado. Entre suas diversas atividades, algumas aparentemente incompatíveis com um Parque, de acordo com Maria Teresa, está a barragem de Santa Maria, que abastece o Plano Piloto. Há ainda uma Estação Sismológica que detecta os movimentos da crosta terrestre, e transmite os dados à UnB. Esta estação está ali localizada por ser o terreno um dos mais antigos da Terra, ou seja, é geologicamente estável, não sujeito a tremores.

Pela área restrita, o Parque Nacional de Brasília não apresenta todas as tipologias existentes de cerrado, como é o caso do cerrado um tipo de mata com árvores altas, troncos lisos e retos, cujas copas chegam a se tocar, de tão densa é sua vegetação. Maria Teresa acredita, no entanto, que o Parque Nacional de Brasília, vulgo "Água Mineral", "já teve o cerrado na sua área, mas deve ter acabado pelos sucessivos incêndios, quase anuais".

A constituição de Parques Nacionais e Reservas estas só para uso científico — não é a solução para impedir a devastação do cerrado e a extinção de espécies ainda não registradas pela ciência. O professor Wagner Machado, do Departamento de Agronomia, levanta a questão: "Há tipos de mata que não existem nos Parques Nacionais, como por exemplo, a Mata de Afloramento Calcário; gênero que ocorre na região do cerrado e possui árvores altas e solo rico em cálcio, cálcio e nutrientes. Estas áreas estão em mãos de particulares, que usam o cálcio para fabricação de cimento e cortam as árvores, inclusive madeiras de lei, para fins comerciais".

Estudantes da UnB pesquisam cavernas

ZEILA FREITAS
E IVAN BRSCAN

Nos estreitos limites do Distrito Federal há uma grande potencialidade de cavernas, ainda não inteiramente exploradas, que fazem a alegria de muitos espeleólogos (do grego *Espealon* que significa caverna) em Brasília e reservam as mais agradáveis surpresas aos exploradores que se dispuserem a pesquisá-las.

O número de cavernas é relativamente grande. Dentre muitas outras podem ser citadas a Gruta do Córrego Laje, em Brazlândia, a Gruta Fercal, nos limites da fábrica de cimento Tocantis, a Gruta Coruja, nas proximidades da Escola Fazendária, além daquelas existentes em grande número em Formosa, Goiás, tais como a Gruta Jaboticaba, Palmeira, Jaguatirica e muitas outras catalogadas ou ainda não descobertas.

Não é sem razão importante que os estudantes de Geologia da UnB começaram a se organizar e fundaram, em junho deste ano, o Grupo Espeleológico da Geologia, o GREGEO-UnB que funciona na sala 31 do Departamento de Geociências. Consciente do potencial espeleológico do Planalto Central, o grupo já conta com 18 membros efetivos e se reúne quinzenalmente para discutir assuntos relacionados à espeleologia e organizar excursões

científicas às grutas. Um detalhe importante: o GREGEO está aberto a toda comunidade universitária interessada na pesquisa e preservação de cavernas.

Os integrantes do grupo procuram conservar ao máximo as características naturais das grutas, desenvolvendo um trabalho científico que envolve o estudo de espeleotemas (nome dado às formações minerais encontradas nas cavernas), topografia, geomorfologia, bioespeleologia, além de informação e preservação do ambiente. O cuidado é sempre o de perturbar o mínimo possível o ambiente cavernícola.

Um exemplo peculiar dos fenômenos espeleológicos é a Gruta Jaboticaba, na Fazenda Santana (Formosa-GO). A gruta inicia-se no sumidouro do Rio Jaboticaba, que percorre aproximadamente dois quilômetros dentro da caverna e ressurgem na superfície em uma bela cachoeira.

Segundo Ewerton Campos, estudante de Geologia, existe uma certa desinformação do público sobre a preservação das cavernas. "Depredar seus componentes naturais e seus espeleotemas (estalactites, estalagmites, cortinas, pérolas de caverna, chão de estrelas, represa de travertino) é uma tentação de todo visitante, que procura levá-los como souvenir".

Cavernas
no DF:
um mistério,
um vazio,
uma beleza
a ser vista

Festival traz de volta o debate

CLAUDIO FERREIRA

SUZANNE SOBRAL

HELOISA HELENA

IDHELENE MACEDO

Decorridas duas semanas da realização do 18º Festival de Cinema Brasileiro de Brasília, resta ainda um espaço para uma avaliação. A balança que oscila entre um resultado favorável e outro não tão animador, encontra entre participantes e organizadores críticas e elogios.

O crítico José Carlos Avelar coloca uma série de prós e contras. O Festival procurou agrupar em uma semana várias facetas da produção cinematográfica do Brasil, ou seja, em um curtíssimo espaço de tempo a cidade teve a oportunidade de assistir às mais variadas mostras: produção de 16mm, cinema feminino, retrospectiva do Cinema Novo, cinema para crianças e as mostras competitivas de 35mm. Na opinião do crítico, essa multiplicidade de eventos acabou dispersando não somente o grande público mas também as pessoas que estavam em função do Festival: "E preciso dar uma força maior a algumas coisas para se ter uma visão em profundidade". Segundo José Carlos Avelar os debates paralelos ocorridos durante a realização do

Festival, como por exemplo o Seminário sobre as Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro e o Encontro dos Pesquisadores do Cinema Brasileiro, foram de extrema importância pois este deve existir como ação cultural no conjunto das atividades cinematográficas: "Não se trata de colocar filmes na tela durante uma semana e premiar estes filmes com um pouquinho de dinheiro".

Também para Malu Moraes, professora da Universidade de Brasília e organizadora do Seminário sobre as Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro, a discussão ocorrida paralelamente à exibição dos filmes, mais especificamente falando do Seminário, foi de suma importância não só para o cinema brasileiro como também para a Universidade de Brasília: "Nunca se parou para discutir o que a gente fez até agora e o que se pretende fazer nesse momento. Os problemas estão aí acontecendo ou seja, há um menor fluxo de pessoas às salas de exibição. Mas existe um forte contrassenso pois, de acordo com as pesquisas que a gente tem conhecimento (que são muitas, aliás), sabemos que o público tem se interessado mais pelo cinema brasileiro".

Não se pode dizer que o Seminário tenha fechado essa questão, nem mesmo houve um aprofundamento em relação a esse problema, mas o que se foi colocado e discutido durante os quatro dias de seminário foi

gravado e será divulgado numa co-edição entre a Fundação Cultural do DF, Embrafilme e Universidade de Brasília. Ou seja, o conteúdo do Seminário, que não abordou somente a estética do cinema brasileiro dos últimos anos, como também procurou colocá-lo no contexto latino-americano, poderá ser utilizado em discussões mais intensas sobre o cinema que se faz ou se procura fazer no Brasil.

Não resta dúvidas de que, num plano mais específico, a retomada da discussão foi responsável por um dos pontos altos do Festival. Falando em termos gerais, podemos colocar o fato de termos gerais, podemos colocar o fato de que o Festival de Brasília, assim como todos os festivais, funciona como um grande divulgador de filmes realizados por dintaís desconhecidos do grande público. Na opinião de Sérgio Amon, diretor de "Aqueles Dois", pertencente à "safra" gaúcha responsável pelos longas "Verdes Anos" e "Me Beija", a grande contribuição do festival não é o prêmio, mas a projeção. Werner Schumann, cineasta da mesma "safra", coloca que "não adianta fazer corredor na Embrafilme, o resultado dos filmes que já realizamos chamou a atenção do órgão e de agora em diante talvez possamos contar com o seu apoio". O grupo gaúcho trabalha em esquema de produção independente e além de enfrentar a

maior dificuldade que é sempre grana, os sulistas encaram problemas com a centralização da produção cinematográfica. "A centralização pesa na hora de arranjar recursos financeiros e equipamentos", diz Schumann, "e outra dificuldade que encontramos é o da distribuição, por isso tratamos os festivais como vitrines". Na opinião do diretor gaúcho, a grande falha deste festival, que procurou ocupar tantos espaços, foi justamente a ausência de exibidores e distribuidores, personagens-chave na vida de qualquer cineasta que espera ser bem-sucedido: "Prestigio já foi conseguido, falta a bilheteria".

Prestigio mesmo foi conseguida por "A Hora da Estrela". Além dos onze prêmios que recebeu no festival, o público fez uma verdadeira festa para a diretora Suzana Amaral e a atriz principal Marcélia Cartaxo. Suzana, que já teve filmes premiados aqui em Brasília, estava radiante e sentia-se recompensada por adaptar Clarice Lispector. Marcélia com seus dez anos de teatro amador em Cajazeiras, Paraíba, estava surpresa: "Eu só entendo de ser atriz", dizia ela após a exibição do filme. Mas nem esse prestigio pode dar a certeza de que o grande público assistirá ao filme. A distribuição, uma das partes mais difíceis desse processo, não foi muito aprofundada neste festival de seminários e discussões.

Mais público é poder para a Fundação

CYNTHIA ROSA

A capital do País cresce a cada dia, e sua cultura floresce em todas as esquinas (ou quadras?). Dentro disso, a Fundação Cultural do DF vêm investindo firmemente em várias áreas da produção artística. Alguns eventos que originalmente tiveram iniciativa da própria classe artística (Concerto Cabeças, por exemplo), fazem parte hoje da programação oficial. Mas quais são as reais expectativas da Fundação Cultural?

PÚBLICO CRÍTICO

A cidade se desenvolve, e as sementes plantadas começam a dar frutos. A primeira geração candanga está nua, mostrando sua produção. Porém, há o outro lado da moeda, ou seja, o público. Segundo o Assessor de Eventos Comunitários da Fundação, Nélio Lúcio, uma das grandes preocupações que se tem é a formação de um público que valorize e incentive a produção local. A regularidade de apresentação dos eventos contribui muito para isso. Mas essa relação artista-público se concretiza dialeticamente se a qualidade dos trabalhos melhora, aumenta o interesse do público; e, se o público se

torna mais exigente, é preciso que os artistas tenham as condições técnicas necessárias para realizar seu trabalho, além de tentarem também aprimorar sua criação. Para Nélio, a consolidação de um público com senso crítico representará uma das maiores vitórias da Fundação.

PODER POLITICO

Com a atual programação, não houve ainda um retorno econômico significativo, pois, além do Governo, não há nenhum outro patrocinador. Nélio Lúcio afirma que só será possível obter algum ganho a médio e a longo prazo, e que, enquanto isso, o que se pretende é continuar investindo em "criar" a cidade. Para ele, a Fundação cresce nesse processo, tornando-se mais poderosa para negociar junto ao Governo. Além disso, diz também que esse trabalho firmando, torna-se produto e, como tal, deverá ser negociado em melhores condições que as atuais.

PERSPECTIVAS

Uma das principais perspectivas apontada por Nélio Lúcio diz respeito à conquista de novos mercados de trabalho para as pessoas envolvidas com a produção cultural da cidade. Nesse

sentido a Fundação pretende viabilizar projetos que permitam uma maior absorção de mão-de-obra, dando oportunidade às pessoas de conhecerem mais sobre a cultura local.

Por outro lado, não se deve perder de vista o público de outras cidades importantes, como Rio e São Paulo, por exemplo. Dentro disso, a Fundação pretende enviar às Secretarias de Cultura dos demais estados cópias de todo material produzido aqui nos últimos seis meses. Assim, acredita Nélio, é possível ampliar os canais pelos quais é difundida a cultura brasiliense.

POLO MUSICAL

De todas as atividades culturais produzidas na cidade, a música é a que tem conseguido maior projeção no cenário nacional. Nélio Lúcio crê que Brasília tem potencial para manter uma estrutura de produção musical. Mas crê também que não existem normas estabelecidas para se conseguir isso. O único elemento que ele julga imprescindível é a manutenção regular da produção atual, que possibilite formar uma tradição junto a própria população da cidade e, a partir daí, conquistar a confiança de quem pretende investir na produção musical de Brasília.

Nos bares da cidade, o teatro é uma alternativa

CHICO MOURA

Alguns praticáveis, uma cenografia a base de papel crepon, criatividade e acima de tudo muita vontade de fazer algo alternativo e experimental, são as fórmulas básicas para a elaboração do teatro de bar, uma inovação cultural que vem conquistando aos poucos o público brasiliense frequentador de bar.

O teatro de bar surge para enriquecer mais ainda o processo cultural candango que tem sido abastecido também com outros eventos, como o Fogo de Cenas, a Feira de Música, e o Concerto Cabeças. Mas o que o diferencia dos outros três é a sua isenção de qualquer vínculo governamental, ou seja, o teatro de bar é sustentado pela garra de seus atores e pelo incentivo privado, o bar.

Lauro Nascimento, diretor teatral, e professor de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e idealizador do teatro de bar, diz estarem revivendo uma experiência que serviu de vanguarda em 1978, com o intuito de integrar as pessoas que compunham o bar, fazendo-as menos solitárias e mais participativas, tendo um contato mais próximo com a arte. As apresentações são rápidas, normalmente compostas por textos que se referem a temas existenciais, como a solidão, o amor, podendo ter essências antagônicas como o cômico e a tristeza. Normalmente músicas são acrescentadas nos intervalos ou juntos às apresentações, e o que caracteriza mais ainda seus propósitos é a democrática participação do público, podendo ele cantar, representar ou recitar poemas, a partir do tema enfocado pelo grupo.

De acordo com Lauro, o desencanto com o teatro convencional dicotomizado, limitado a determinados tipos de público, e a estruturas físicas (palco, plateia) foi uns dos motivos principais que o levou a trabalhar na criação do teatro bar, que é, orgulhosamente, contracultura.

Lauro dirige atualmente "O Empório da Asa Norte", um grupo formado por artistas com experiências no palco e que vêm desenvolvendo há três meses essa proposta alternativa, cujo trabalho gradativamente é conhecido pelo brasiliense. Elizeth, professora, Wladimir, funcionário público, Marcelo, funcionário público, Nonato, funcionário público, Neusa, funcionária pública e Chico, aeroviário, integrantes do grupo, têm em comum a opinião de ser esta uma experiência gratificante, também por poderem assumir, quinzenalmente, personagens diferentes, vivendo, assim, versatilidade dos papéis sociais que representam no cotidiano.

No Cabeças, calor e vibração de milhares dominando o espaço